

Prioridades para assegurar a alimentação mundial

Olivier De Schutter, relator especial da ONU sobre o direito à alimentação, publica no "Le Monde" de 8 de Junho, um artigo importante, referente à alta dos preços dos alimentos e à cimeira agrícola do G-20 que decorreu, em Paris, nos dias 22-23 daquele mês.

Refira-se que os preços dos alimentos subiram 37% num ano, levando para a pobreza 44 milhões de pessoas.

Os sinais de alarme lançados por diversas instituições e, nomeadamente, pela FAO, exigem uma resposta em conjunto. De Schutter faz uma boa análise da situação e apresenta sugestões que são de grande interesse.

Antes de mais, recorda um diagnóstico que se reitera apesar da sua falta de justificação: a fome no mundo não se deve à falta de alimentos. Esse erro leva muitos governos a aumentar a produção agrícola por meios industriais, para alimentar o número cada vez maior de pessoas que se transferiram do campo para a cidade, assim como para participar nos mercados internacionais. Estes esforços para aumentar a oferta substituíram autênticas políticas de segurança alimentar.

A realidade impõe-se: os preços continuam a subir, progride a deterioração do meio ambiente, persiste a pobreza rural e a desnutrição. Faz falta ter "a lucidez de reconhecer que nos enganámos: a fome não é consequência de um problema demográfico ou de uma inadequação técnica entre a oferta e a procura global. Deve-se, principalmente, a factores políticos que condenam à pobreza os pequenos agricultores – principais vítimas da fome: acesso insuficiente à terra, à água e ao crédito; má organização dos mercados locais; falta de infra-estruturas de base; poder de negociação demasiado reduzido perante os intermediários, e um sector agro-industrial cada vez mais concentrado".

Cabe à presidência francesa do G-20 impulsionar soluções, que facilitem a aproximação de políticas nacionais distantes entre si. Da superação dessas divisões dependem consequências reais para o conjunto da humanidade.

Cinco prioridades para o direito à alimentação que o relator especial da ONU propôs a Sarkozy:

1. Regular e tornar mais transparentes os mercados de derivados dos produtos agrícolas. Fazem falta regras internacionais para controlar o impacto da especulação financeira, uma das causas da explosão dos preços agrícolas.

2. Fomentar o desenvolvimento de infra-estruturas regionais de armazenamento. "Actualmente, 30% das colheitas no Sul – 40% de frutas e legumes – perdem-se por falta de instalações adequadas de armazenamento. O G-20 deveria encorajar as instituições internacionais e agências de cooperação para apoiar esse tipo de armazéns, ainda mais, tendo por objectivo o direito à alimentação".

3. Apoiar a disponibilização de bens públicos, como serviços de extensão agrária ou construção de estradas que aproximem os agricultores dos consumidores urbanos. Também é crucial ajudar os pequenos produtores a organizarem-se em cooperativas e sindicatos, para reforçarem a sua posição.

4. Apoiar a capacidade de todos os países para se alimentarem por si próprios, mediante estratégias baseadas no direito à alimentação. Pelo contrário, desde os anos 90, a falta de investimentos nas culturas de plantas comestíveis e a promoção contínua de uma agricultura de exportação, fez com que os países menos avançados tenham ficado altamente vulneráveis à volatilidade dos câmbios e às altas de preços nos mercados internacionais. A experiência de alguns países da América Latina mostra que essas estratégias podem melhorar a segurança alimentar de modo sustentável.

5. Fortalecer o governo global da segurança alimentar. O Comité de Segurança Alimentar Mundial (CSA) foi reformado devido à crise de 2007-2008. O CSA é hoje o único fórum que reúne governos, instituições internacionais e a sociedade civil para melhorar as políticas de segurança alimentar. O G-20 deveria reafirmar o seu apoio às orientações desse importante organismo de coordenação internacional.

Em conclusão, na opinião de Olivier De Schutter, "a fome não é uma calamidade natural. Mas, precisamente por isso, é um escândalo a que é preciso pôr cobro".

A cimeira de Paris acabou por acordar medidas para combater a volatilidade dos preços dos produtos agrícolas, sublinhando a necessidade de aumentar a produção (por exemplo, no trigo), bem como a cooperação e transparência no mercado. Não chegou a acordo sobre um dos pontos mais importantes que é a regulação dos mercados financeiros ligados às matérias-primas. Concordaram em excluir a ajuda humanitária de restrições à exportação e explorar a implementação de acções de ajuda humanitária alimentar. Sobre a transparência dos *stocks*, vai ser criado um sistema de informações sobre os mercados, o AMIS (Sistema de Informação do Mercado Agrícola, nas suas siglas em inglês), que funcionará no seio da Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO), como uma base de dados onde os países partilharão os dados e se melhorará os sistemas de informação existentes.

A burocracia não discrimina

As críticas mais difundidas ao projecto de Lei de Igualdade na Grã-Bretanha foram as emitidas pelas Igrejas católica e anglicana. Alcançaram difusão internacional em Fevereiro passado, quando seria a discriminação a um empregado que atende um idoso.

Outra novidade é a "discriminação por suposição". Cometê-la, por exemplo, um empresário que decidisse não contratar um homem por, na entrevista, ter ficado com a impressão de que é homossexual, mas se verifica que o candidato não o é.

O prolixo texto é todo um monumento à minúcia burocrática. Por exemplo, esclarece: "A referência a uma pessoa deficiente é uma referência a uma pessoa que tem uma deficiência" (art. 6). Só para aplicar as 250 páginas do texto da lei, uma empresa necessitaria de contratar um(a) especialista anti discriminação.

A consequência prática previsível será um incremento de litígios, pois qualquer frustração laboral poderá ser encarada como uma atitude discriminatória.

O que provavelmente afectará mais as empresas é que a partir de agora se proíbe que se façam perguntas sobre a saúde dos candidatos nos processos de selecção, embora esses candidatos possam vir a ter de se submeter a um exame médico. Exceptuam-se os casos em que um problema de saúde dificulte o desempenho do cargo oferecido.

Para alguns, a lei é demasiado complexa, prolixa e complicada. Vêem esta posição confirmada na nova *praxis* elaborada pela Comissão de Igualdade e Direitos Humanos, o organismo que vigia o cumprimento das disposições contra a discriminação. O documento afirma, por exemplo, que poderiam incorrer em falta contra a igualdade, um município ou uma escola que convocassem uma assembleia, num dia normal de trabalho, para o final da tarde. O motivo é que seria

"discriminatório" para as mães, que a essas horas costumam estar ocupadas com os filhos.

A lei recém-entrada em vigor já teve um efeito precoce no Caledonian Club de Londres, fundado em 1891 para homens escoceses, ou dessa origem, que terá de admitir mulheres como membros de pleno direito. Não porque a Lei de Igualdade proíba os clubes privados só para homens ou mulheres; mas o Caledonian e outros clubes que há alguns anos abriram a porta a mulheres, com restrições, terão de as tratar, a partir de agora, como aos sócios masculinos. Concretamente, as sócias do Caledonian já poderão ter acesso ao salão onde se fuma e ao bar, que lhes estavam vedados; claro que também pagavam uma quota inferior, e, agora, essa redução termina. Pelo contrário, o Caledonian poderá continuar a negar a admissão aos homens ou mulheres que não tenham ascendência escocesa, pois essa não é uma característica protegida (por agora).

A rede social

Realizador: David Fincher

Actores: Jesse Eisenberg; Andrew Garfield

Música: Trent Reznor e Atticus Ross

Duração: 120 min.

Ano: 2010

O Facebook com mais de 500 milhões de aderentes alterou a forma de se comunicar. Da facto, já existiam outras redes sociais, por isso, porque razão esta se desenvolveu tanto? No filme, veremos algumas "ideias" como exclusividade, maior acessibilidade à informação em diferentes categorias e facilidade na partilha de imagens. Pouco a pouco destaca-se a figura de Mark Zuckerberg, um aluno de Harvard que depois de ouvir os interesses e necessidades dos colegas, sabe aplicar novas utilidades a ferramentas informáticas já usadas. Como diz uma frase atribuída a Einstein, "a imaginação é mais importante que o conhecimento"...

Zuckerberg rodeia-se de pessoas que depressa viram o potencial desta rede. Traça a estratégia de promoção com um público-alvo bem definido. O êxito é imediato. A ideia vai ganhando valor. Mas quem é de facto o "dono" de uma ideia e dos seus lucros? Vão a tribunal. O filme segue então o ponto de vista de um dos envolvidos. Vemos a motivação deles. Uns só querem o dinheiro, outros a fama ou a diversão, como é visível nas cenas das festas à base de drogas, sexo e álcool. Mas Zuckerberg queria algo mais...

Tudo acaba ao estilo de Orson Welles no filme "Citizen Kane – o mundo a seus pés", em que o que conta realmente é o sentido que cada um dá às ideias com que vai materializando a sua vida...

Tópicos de análise:

1. Uma ideia consolida-se como resposta efectiva aos interesses reais dos outros.
2. Debater as ideias com os outros potencia o resultado final.
3. A força da motivação pessoal anima a materialização de uma ideia.
4. A confiança ganha-se no contacto directo e não na virtualidade superficial.

